

(RE)EXISTÊNCIAS A PARTIR DAS ESCRIVIVÊNCIAS E AQUILOMBAMENTO/S: rompendo estereótipos e imagens de controle em torno das mulheres negras

Silvana Santos Bispo

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre
Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia. PPG/NEIM/UFBA.
silvana.bispo@ufba.br*

*Simpósio Temático nº 09: Cuidado Que a Preta é Raivosa! Desqualificações,
Subalternizações e Violências a Partir das Imagens de Controle*

RESUMO

Expor as permanências simbólicas transferidas a nós mulheres negras, no intuito de explicitar o imaginário coletivo estruturado em discriminações, estereótipos, imagens de controle e opressões correlatas se constitui como proposta deste trabalho. É importante pensar que pessoas de ascendências africanas têm sido historicamente objetificadas, invisibilizadas e entendidas como indivíduos de segunda categoria, ao passo que tem construído possibilidades importantes de subversões, lutas e (re)existências. Neste sentido, abordarei aqui as imagens de controle produzidas na obra de Gilberto Freyre e que tem ressonância no pensamento de Marco Frenette e em Joel Rufino dos Santos. As intersecções entre patriarcado colonial, racista, sexismo e misógino foram observadas em textos produzidos pelos sujeitos citados. Ao passo que, debato a importância histórica das reflexões teóricas e políticas em torno da escrituras e do aquilombamento refletidos no pensamento de Conceição Evaristo e de Beatriz Nascimento. Outro aspecto importante desse trabalho é o pensamento feminista negro como construto histórico empreendido de contrapontos e pertencimentos como possibilidades de (re) existências.

Palavras-chave: (Re) existências; escrituras. Aquilombamentos. Estereótipos.

ABSTRAT

Exposing the symbolic permanencies transferred to us black women, in order to explain the collective imagination structured in discriminations, stereotypies, images of control and related oppressions constitutes the proposal of this work. It is important to think that people of African descent have historically been objectified, made invisible and understood as second-rate individuals, while they have built important possibilities for subversions, struggles and (re)existences. In this sense, I will approach here the control images produced in the work of Gilberto Freyre and which resonate in the thought of Marco Frenette and Joel Rufino dos Santos. The intersections between colonial, racist, sexism and misogynist patriarchy were observed in texts produced by the aforementioned subjects. At the same time, I debate the historical importance of theoretical and political reflections on the writings and the “allombamento” reflected in the thoughts of Conceição Evaristo and Beatriz Nascimento. Another important aspect of this work is black feminist thought as a historical construct made of counterpoints and belonging as possibilities of (re)existence.

Keywords: (Re) stocks; writings. Accidents. Stereotypes.

INTRODUÇÃO

Historicamente as mulheres negras em processos diaspóricos têm sido sujeitas atravessadas por imagens de controle e discriminações corretas, e isso não é diferente no contexto brasileiro. Entretanto, é imperativo pensar que descendemos de um longo e histórico legado de insurgências, lutas e (re)existências múltiplas. Assim sendo, quando falamos em mulheres negras é importante um diálogo que nos percebam em nossas experiências compartilhadas e interseccionais do racismo, sexismo, classismo, da misógina, mas, sobretudo, através dos processos de resistências cotidianas e pela construção de um projeto equânime de sociedade. A escrita aqui desenvolvida será feita em primeira pessoa, demarcado um posicionamento crítico-político empreendido pelas epistemologias feministas negras, a perspectiva do afrocentramento, bem como, de nosso método analítico pautado em nossas experiências/vivências/existências.

Nesta perspectiva, são fundamentais alguns questionamentos para o desenvolvimento do artigo, a saber: Quem pode falar, escrever e registrar suas memórias/vivências/histórias, sejam individuais ou de uma coletividade? A partir de quais localizações sociais nossos escritos se inscrevem? Quais resultados político-sociais atravessados pelas imagens de controle em nossas mentes e corpos? Quais determinantes para uma produção intelectual negra como contraponto às ideias subalternizantes que nos intersectam? Diante de tais proposições, abordarei aqui algumas imagens de controle produzidas na obra do sociólogo Gilberto Freyre, que tem ressonância no pensamento do jornalista Marco Frenette, bem como nas reflexões do historiador Joel Rufino dos Santos.

As intersecções entre patriarcado colonial, racista, sexista, machista e misógino foram observadas em textos produzidos pelos sujeitos citados. Ao passo que, como contradiscurso discorro sobre a importância histórica das reflexões teóricas e políticas em torno da escrevivência e do aquilombamento no pensamento da escritora e ativista Conceição Evaristo e da historiadora e também ativista histórica Beatriz Nascimento. As pedagogias feministas negras, as relações raciais, bem como a perspectiva do bem viver, são abordagens que transcorrem na presente escrita. Importante um diálogo com os feminismos negros, pois, enquanto professora e pesquisadora neste campo de estudos é de grande valia pensar a historicidade empreendida de contrapontos, pertencimentos,

subjetivações e insurgências construídas e forjadas pelas heterogeneidades das mulheres negras.

Pensar o método de análise feminista negro é localizar um arcabouço de experiências compartilhadas que envolvem trajetórias políticas, conquistas, embates e formas diversas de heranças de lutas. De modo que, vislumbram-se novas possibilidades de registros discursivos das relações assimétricas de raça, gênero, classe, geração, territorialidade, sexualidade, e outros, explicitando o enfrentamento pela eliminação de estereótipos e recusa ao silêncio. A escrita das mulheres negras é insurgente, o pensamento é político, formativo e reflexivo, ao mesmo tempo em que investigação teórica e ativismo político andam juntos.

SUBJETIVAÇÕES DE MULHERES NEGRAS A PARTIR DO AQUILOMBAMENTO E DA ESCRIVIVÊNCIA

O processo de exclusão do pensamento de mulheres negras ao longo da história nacional é sintomático em todas as esferas do saber, é impressionante como o apagamento epistêmico e violações ainda ressoam na produção do conhecimento quando nos são negadas e invisibilizadas o direito de registro de nossas próprias falas, experiências, trajetórias e escrita de si. Dessa forma, quando pensamos na perspectiva do epistemicídio, no dispositivo da racialidade (CARNEIRO, 2005) e nas relações de poder interseccionadas nessas condições históricas, acabamos por observar como diversas estratégias de apagamento foram historicamente construídas e conduziram irrealidades em torno de nossas existências como pessoas negras nas diásporas africanas. Visto que, não é somente invisibilizar e/ou subalternizar nossas produções, é também desqualificar, pois (...) “a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a” (KILOMBA, 2019, p. 51).

Nesse ínterim artigo imagens de controle como uma ferramenta de análise para compreensão da operacionalização das matrizes de opressões, e também “traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (COLLINS, 2019, 136). Ao passo que tomamos a teoria feminista negra como um construto filosófico-epistemológico, interseccionado a perspectiva da afrocentricidade e dos estudos acerca

as relações raciais como dimensões importantes para construção de nossos saberes. Tais métodos de investigação foram possíveis graças às bases epistemológicas desenvolvidas por teóricas/os negras/os das mais diversas áreas. Não somente na esfera acadêmica, pois nossas falas e posicionalidades vão além de um discurso teórico de realidade, estes se localizam, sobretudo, na multiplicidade de sociabilidades empreendidas por nós dentro das religiões de matrizes africanas, na educação, nas irmandades negras, em rodas de capoeira, dentro dos blocos afros e de afoxés, nas associações negras e feministas, nos grupos advocacy, na literatura, na musicalidade, enfim, no que é tangível e intangível aos quais estão presentes no patrimônio material e imaterial de um povo.

A crítica ao modelo de ciência euro-referenciada, que se pensa neutra, objetiva, racional, universal, civilizadora, legitimadora e produtora de conhecimento são aqui contestadas, trazendo a *episteme* de mulheres negras que ousaram e ousam romper com tais paradigmas hierarquizantes de poder. É imperativo o exercício cotidiano de questionar, desconfiar e desestabilizar estigmas que tendem a nos desqualificar, pois, nessa conformidade: A quem e a quê servem tais perspectivas hegemônicas na produção do conhecimento? O mundo é hostil às mulheres e pessoas negras. Diante disso, recorro às abordagens teóricas negras e à perspectiva da afrocentricidade para fortalecer práticas de liberdade em todas as esferas de nossa existência, como nos ensina bell hooks (1995) e as pedagogias feministas. A afrocentricidade é pensada aqui como estratégias de (re)existências dos valores civilizatórios africanos, das diásporas negras e da cosmopercepção.

Por isso a importância do referencial do aquilombamento e da escrevivência como método de análise. A perspectiva do aquilombar-se vem da produção da historiadora e ativista Beatriz Nascimento, referencial que dialoga com novas formas de está no mundo, da organização, das visões e perspectivas negras construídos nas diásporas transatlânticas. Ao passo da importância dos corpos negros construído por essa intelectual, corpo este que vai além da materialidade física, esse corpo é histórico, é mapa, é território, é repositório de memórias, ancestralidade, identidades, espiritualidade, reinvenções e (re)existências. Constitui-se como um corpo desviante aos estereótipos desumanizadores historicamente construídos.

Tais referenciais discursivos demonstram a capilaridade da produção de mulheres negras, sejam acadêmicas ou não. Aquilombar é se fazer presente dentro de

uma ancestralidade africana, afrodiaspórica e afrobrasileira. Localização do ser, do pertencer, do estar no mundo, o quilombamento é território e organização política contra o apagamento físico, epistêmico e da memória. Para Beatriz Nascimento, o quilombo se constitui como “um instrumento de autoafirmação, um instrumento de compreensão de quem você é (...) qualquer relação que a gente tenha entre si, no sentido de agregação, de comunidade” (NASCIMENTO, 2018, p. 131).

A escrevivência enquanto categoria de análise, escrita e pensamento político de mulheres negras foi cunhada por Conceição Evaristo como já foi dito. Pensar a partir da escrevivência é atentar para a memória e a história, ambas percebidas como matérias primas da formação da consciência. É uma escrita de nós, por nós mesmas. Assim sendo, faço minhas as palavras de Neusa Souza quando enuncia que saber-se negra “é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (SOUZA, 1983, p. 18). Para nós, é importante uma escrita engajada e propositiva e que seja avessa aos olhares brancocêntricos nas relações de poder e produção do conhecimento.

São registros desviantes aos discursos que nos interpelam enquanto agressivas e violentas, imagens construídas dentro de uma matriz hegemônica e opressora. Contrapondo-se à dominação epistêmica, escrever é viver. Assim, partindo da legitimidade da escrita de e sobre mulheres negras e da própria historicidade da escrevivência, Conceição Evaristo vai nos dizer que:

Pensar a Escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. [...] Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, 29-30).

Pensar a escrita a partir de escritivências negras, da memória ancestral, dos contextos afrodiaspóricos, este como um saber anti-hegemonia do registro da palavra, – não perdendo de vista a importância da oralidade como constitutivo de nossa autoinscrição como sujeitas do conhecimento – e lançar perspectivas críticas-reflexivas sobre o modo de como o conhecimento é produzido, especialmente sobre as profundas desigualdades raciais enraizadas na sociedade brasileira. De fato tarefa nada fácil, diante de uma historicidade de apagamentos, sabotagens, de silenciamentos e imagens de controle. Entretanto, como nos ensina Conceição Evaristo (2020), a escritivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. Ela é um discurso da nossa própria vida, e de certo se localiza na cosmopercepções que atravessam historicamente as diásporas negras de não conformismo.

IMAGENS DE CONTROLE PARA ALÉM DE ESTEREOTIPIAS

A ideia de hipersexualização dos corpos negros é historicamente construída e atravessa a memória social da sociedade, demonstrando a profundidade das raízes racistas e suas manifestações desde o período colonial. Assim, respaldada na teoria feminista negra, no pensamento afrocêntrico e nas pedagogias negras trago algumas falas misóginas e sexistas direcionadas as mulheres negras. Sabemos que as dimensões de abusos e exploração enquanto pessoa negra numa sociedade racista se dá de diferentes formas, pois, lidamos cotidianamente com um vasto repertório de imagens de controle, tais como: “mulher negra forte”, “raivosa”, “lasciva”, “cor do pecado”, “mulata”, “mãe preta”, “fácil”, “objeto”, “sexualmente quentes”, “homem negro violento”, “estuprador”, “viril”, “animalesco”, “irresponsável”, “braçal”, “preguiçoso”, “baixo intelecto”, “malandro”, “disponível ao sexo” e tantas outras violências racistas/sexistas estabelecidas no interior da cultura ocidental branca eurocêntrica interseccionada também pelas relações de gênero.

Nesta perspectiva, a proposta é trazer algumas “abordagens” desenvolvidas nas seguintes obras: *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre publicada em 1933; *Atrás do Muro da Noite: dinâmica das culturas afro-brasileiras*, de 1994, com autoria de Wilson do Nascimento Barbosa e Joel Rufino dos Santos; e *Preto e Branco: a importância da cor da pele*, de Marco Frenette, livro publicado no ano 2000. Realizei um debate mais aprofundado sobre esse tema em minha dissertação de mestrado, que tem como título: *Feminismos em Debate: reflexões sobre a organização do movimento*

de mulheres negras em Salvador (1978-1997), defendida em 2011, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, pela Universidade Federal da Bahia. Iniciou como Gilberto Freyre quando o mesmo vai nos “explicar” sobre a participação sexual da mulher negra no contexto do colonialismo no Brasil. Segundo ele:

É verdade que as condições sociais do desenvolvimento do menino nos antigos engenhos de açúcar do Brasil [...] – do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil – talvez explique por si só, aquela predileção. Conhecem-se casos no Brasil não só de predileção, mas de exclusivismo: homens que só gozam com negra. De rapaz de importante família rural de Pernambuco conta a tradição que foi impossível aos pais promoverem-lhe o casamento com primas ou outras moças brancas de famílias igualmente ilustres. Só queria saber de molecas. Outro caso... De um jovem de conhecida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da noiva branca precisou nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor, impregnada de budum, da escrava negra sua amante. Casos exclusivos ou fixação. Mórbidos, portanto; mas através dos quais se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro (FREYRE, 2006, p. 368).

A citação acima expõe o olhar de objetificação em torno da mulher negra. Ela é coisificada/animalizada e transformada em mero objeto do desejo sexual do branco “colonizador”. Sujeitas que estariam “disponíveis” para satisfação sexual do outro. Historicamente se sabe que as condições de subalternidades perpassadas nas relações de poder imposta pelo escravismo colonial, das quais impuseram as mulheres negras vivenciar contexto de violentas experiências, entre as quais, as imagens asfixiantes de escravas/mucamas lascivas e supersexualizadas.

Lélia Gonzalez em seu clássico artigo *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, publicado em 1984, nos fala sobre os estereótipos construídos na imagem de mucama, mãe preta, mulata e empregada doméstica, alimenta e retroalimenta o imaginário social racista, sexista e neurótico, na medida em que, “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós, o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (GONZALEZ, 1984, p. 224).

Gilberto Freyre se constitui com um dos principais nomes envolvidos na construção da ideia de harmonia racial vivida no país, dimensão sócio-histórica construída através da tríade brancos-negros-indígenas. A suposta democracia racial

sempre foi alvo de contestações realizadas pelos movimentos sociais negros e de mulheres em todo território nacional. Essas organizações irão denunciar as violências perpetradas através do racismo e suas estruturas às quais pessoas negras são submetidas/os cotidianamente. Esse debate acaba por demonstrar que a percepção de uma mistura harmoniosa e endêmica das “três raças” não passava de mera falácia diante do extermínio compulsório dos povos originários e de descendentes de africanos no Brasil.

No livro, *Preto no Branco: a importância da cor da pele*, Marco Frenette se propõe “entender”, a partir de sua localização de homem branco, como se constituiria o racismo no Brasil. É um material que nos revira o estômago, uma vez que somos apresentadas as falas racistas, misóginas e visões violentas em direção às pessoas negras durante todo o texto. É a pura expressão de uma branquitude que se pensa superior, dominante e civilizatória. No entanto, o item que daremos atenção particular chama-se “*A aventura do homem branco*”, pois, considero importante observar as permanências circulantes dos eixos opressores racismo/sexismo que fomentam estereótipos sexuais construídas sobre as mulheres negras no pensamento freyriano e reforçadas por Frenette. Neste subtema ele trás um relato sobre sua “aventura” sexual com uma mulher negra. Em suas palavras:

A mulher negra ocupa um lugar de destaque no imaginário do homem branco. Ela é, ao mesmo tempo, um objeto de desejo e um ser que está fora de seu campo de expectativas mais duradouras. O exotismo que a cerca e a carga histórica que pesa sob seus ombros limitam suas possibilidades de ação. Ao topar com um branco, poucas conseguem um relacionamento para além do sexo. [...] Entre as inúmeras situações de vida que apontam para a existência de uma questão racial latente, o acesso do branco a um corpo negro é particularmente revelador. Na cama, a sensação que um branco tem em tocar pela primeira vez uma pele negra vale por um orgasmo anunciado. O primeiro toque é um verdadeiro encontro com o inusitado: prenuncia de um novo mundo de formas e sensações. O que o branco toca não é apenas a diferença de cor cobrindo uma carne que ele tanto deseja; a sensação daquele noturno veludo ao alcance de suas mãos equivale à sagração da vitória do *buana* sobre a mulher negra (FRENETTE, 2000, p. 37-38).

Observam-se violências múltiplas transferidas às mulheres negras na citação acima. O racismo, a misoginia, o sexismo e o machismo são expressões expostas na fala do dito jornalista. Importante registrar que retornar a leitura do citado livro não se constituiu uma tarefa fácil. O sentimento de repulsa, revolta e consternação

permanecem como há uma década, quando tive acesso à leitura do material pela primeira vez. Os estereótipos são pensados aqui como imagens de controle, essa contida nas representações sobre pessoas negras, aos quais se articulam a partir de padrões estabelecidos no imaginário da cultura ocidental eurocêntrica, como nos aponta Patrícia H. Collins (2019). Assim, as estereotípias vão transcorrer todo o livro de Frenette, ele discorre desde crianças, homens, mulheres negras sempre através do olhar de sua suposta superioridade. A mulher negra em seu escrito não passa de um objeto do mero desejo sexual do homem branco, ela é o exótico, o outro, a estranha, um ser inferior e passiva de dominação.

Destarte, como nos fala Conceição Evaristo (2005), expondo sobre a experiência do passado escravista e suas ressonâncias na contemporaneidade a representação sobre nós, mulheres negras, ainda surgem ancoradas nas imagens de corpo-procriação e/ou corpo-objeto do prazer do macho senhor. Ao operar a partir de uma ideologia patriarcal e racista, Marco Frenette nos oferece um olhar totalmente desqualificado, daquele tipo de indivíduo que pensa pessoas negras como inferiores, animais e sujeitas passíveis à dominação. O mesmo prossegue:

(...) no desenrolar dessa singular relação, o que se oferece é a impressão de que não está acontecendo uma troca de amor e prazer entre iguais: o branco sente como se estivesse numa aventura com um ser feminino de uma outra espécie. *É como praticar zoofilia num grau mais elevado; ter uma relação extraterrestre; um contato íntimo com o imponderável.* E, quando chega a hora da descarga orgástica, algo no fundo do inconsciente vence alguns níveis de repressão, atingindo a consciência daquele que se contorce em espasmos. É quando a voz profunda e interior o faz repetir mentalmente uma frase tão triste quanto reveladora de um lamentável estado das coisas: *“Meu Deus, estou transando com uma negra”* (FRENETTE, 2000, p. 38). (Grifos meus)

Impor seu sadismo sexual e racista é no mínimo repulsivo. Os estigmas e violências correlatas são vivências perenes na vida das mulheres negras brasileiras, ao qual, tem na memória histórica do escravismo colonial muito de seu repositório. Não é necessário nenhum esforço intelectual para perceber os aspectos grotescos da citação acima. A mulher negra é cosificada, desumanizada, descrita como animal, um ser de outra espécie, um objeto, ela é a selvagem, e exótica. Ela é o outro não reativo, inferior e está envolta em matrizes de opressões circunscritas no cis-heteropatriarcado a partir do olhar externo do macho branco misógino, racista, este mergulhado numa falsa

sensação de superioridade. Historicamente no Brasil vivenciamos um tipo de racismo chamado de marca, ao qual percebe uma pessoa a partir de suas características fenotípicas, de modo que, quanto mais referenciais negróides você tiver, mais o racismo irá te afetar, quanto mais retinta sua pele for, maiores as chances de vivenciar opressões interseccionais de raça, gênero, classe e sexualidade, por exemplo.

Sigo com o texto de Rufino dos Santos, militante negro histórico, ao qual não fugiu das imagens de controle e objetificações sobre as mulheres, em particular, as negras. O texto encontra-se no livro *Por Trás do Muro da Noite: dinâmica das culturas afro-brasileiras*, onde o autor vai nos apresentar o seguinte questionamento: “por que os negros que sobem na vida arranjam uma branca, de preferência, loira?” (SANTOS, 1994, p. 163). Essa discussão está presente no último item da obra cujo título é: Vera, Clara dos Anjos, Iládio. Importante pensar que numa sociedade cis-heteropatriarcal e misógina, as visões sexistas sobre mulheres negras não intersectam tão somente o olhar hegemônico de indivíduos brancos, pois muitos homens que experienciam o racismo, acabam por exercer suas violências físico/simbólicas através das intersecções dentro das relações de gênero. Diante disso, as interconexões sexismo/racismo/machismo se apresentam no argumento que se segue:

Essa foi a pergunta que mais ouvi até hoje, embora, sistematicamente, nunca me perguntassem pela recíproca: por as brancas que, sobretudo as loiras, só arranjam negros que subiram na vida. A parte mais óbvia da explicação é que a branca é mais bonita que a negra e quem prospera troca automaticamente de carro. Quem me conheceu dirigindo um Fusca e hoje me vê de Monza tem certeza de que não sou mais um pé-rapado: o carro como a mulher é um signo (SANTOS, 1994, p. 163).

A fala sexista descrita acima “fixa” tanto mulheres negras, quanto brancas numa estrutura de opressões do cis-heteropatriarcado, pois são lidas enquanto meros objetos para o consumo masculino. Ao passo que seriam elas utensílios, bem como, mercadorias de maior e menor prestígio na hierarquia social na visão do autor. Dessa forma, ao comparar mulheres a carros, uma entendida como inferior, o fusca – mulher negra, e do outro lado, a supostamente superior, um monza – mulher branca, Joel Rufino vomita todo seu olhar patriarcalista imbricados nas intersecções simultâneas sexista e racista. A publicização desse texto trouxe consigo intensos debates dentro da intelectualidade negra, em especial nos movimentos de mulheres na época de sua publicação.

Exemplo disso está nas críticas proferidas por Luiza Bairros, quando ela nominou os argumentos de Rufino como de machismo de “segunda categoria”, na abertura do Seminário Interdepartamental: gênero, raça e diversidade, evento de 2007, pois homens negros em sociedade multirracista como o Brasil, não detém poder real, estes seguem sendo os mais assassinados, são os alvos preferenciais do sistema racista do estado codificado pela violência policial. Diversas intelectuais, ativistas e militantes negras rebateram tais argumentos, desde em eventos, reuniões e artigos. Uma das respostas mais contundentes foi realizada por Sueli Carneiro em seu texto *Gênero, raça e ascensão social*, de 1995. Para ela:

Ao operar a partir de uma lógica de mercado, segundo a qual quem tem mais dinheiro compra o melhor, Joel Rufino incorre em duas grandes falácias. A primeira é tentar investir alguns homens negros de poder. A segunda é escamotear a tensão racial presente na relação interétnica. (...) o estupro colonial da mulher negra pelo homem branco no passado, e a miscigenação daí decorrente, criaram as bases para a fundação do mito da cordialidade e democracia racial brasileira. A apropriação sexual da mulher branca pelo homem negro na contemporaneidade, nos termos colocados por Joel Rufino forja o mito da ascensão social do homem negro, escondendo através do subterfúgio da primazia estética e social da mulher branca, o desejo de pertencimento e de aliança com um mundo restrito aos brancos, no qual, para ordenar, homens negros em suposto processo de ascensão social, utilizariam-se de mulheres brancas como avalistas (CARNEIRO, 1995, p. 546).

A partir de uma lógica machista/misógina/sexista, o autor conduz imagens de controle às mulheres, as qualificando como meros fantoches e produto de mercado. A utilização do *status quo* da branquidão como símbolo de poder e prestígio social, extraído da ideia de que *a branca é mais bonita que a negra*, conduz como lembra Sovik (2009, p. 18), a um processo “impulsionado e naturalizado por uma inércia secular, de supervalorização do branco”. A “comparação” realizada por Joel Rufino ressoa também na ideia da supervalorização de caracterizações de pessoas brancas – nesse caso da mulher branca – percebida como símbolo de prestígio, status, beleza e poder dentro do sistema de dominação de raça e gênero.

Na “percepção” de Rufino, um homem negro ao se relacionar com uma mulher branca está carimbando sua possibilidade de ascensão e prestígio, pois, segundo o próprio autor, “o negro, sempre que pode, prefere a branca porque ela é mais gostosa (...) a pele clara e, mais do que a pele clara, o cabelo liso, prometem mais gozo que os outros”(SANTOS, 1994, p. 163). Sueli Carneiro segue refletindo:

Em primeiro lugar, é verdade que as mulheres negras são socialmente desvalorizadas em todos os níveis, inclusive esteticamente, como é verdadeiro também que as mulheres brancas constituem o ideal estético feminino em nossa sociedade. Portanto, neste sentido não estamos em desacordo com o Sr. Joel Rufino e lhe reconhecemos, conforme ele mesmo reivindica ao longo de seu artigo, todo o direito de amar e venerar as mulheres brancas. Nós mulheres, negras ou brancas, não somos fiscais do tesão de ninguém, temos outras prioridades políticas: o combate a todas as formas de discriminação e violência sofrida pelas mulheres em geral e pelas negras em particular. Por isso não damos o direito de coisificar ou reificar as mulheres, tratando-as, a partir do mais grotesco chauvinismo, como objetos de consumo ou ostentação. Meros adornos do status e poder de um homem (CARNEIRO, 1995, p. 547).

Assim, a fala de Sueli Carneiro contextualiza oportunamente as prioridades políticas por partes das mulheres brasileiras, o que, de certo, vai de encontro à cisão racismo, capitalismo e do cis-heteropatriarcado perceptíveis nos argumentos de Gilberto Freyre, Marco Frenette, Joel Rufino e todos outros ao longo de nossa história. Isso para as mulheres negras significa ir de encontro às noções que nos desqualificam, de modo que saber-se negra “é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienantes” (SOUZA, 1983, p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do texto foi demonstrar, mesmo de uma forma breve, como o pensamento de mulheres negras a partir do olhar anti-hegemônico articula dimensões potentes de reivindicação da própria existência, diante de práticas racistas que tendem historicamente nos desumanizar. Diante de todas as atrocidades vividas pela escravização transatlântica por diversos povos oriundos do continente africano, (re)existimos. Atravessando tempos, memórias e histórias, construímos ações, alianças e estratégias diversas de luta. Assim, questionamos qualquer imagem de controle que se destina a nos aprisionar dentro de estruturas opressoras, de estereótipos, violências e discriminações correlatas. Questionamos e desafiamos o pensamento branco, heteronormativo, eurocentrado, burguês, racista, sexista, misógino e classista. Desconstruirmos as retóricas de silenciamentos empreendidas por Gilberto Freyre,

renunciamos e denunciemos o olhar racista e desumanizar de Marco Frenette, evidenciamos e criticamos as objetificações e conflitos dentro das relações de gênero e raça explícitos no olhar de Joel Rufino.

A teoria feminista negra, a oralidade, a memória, a interseccionalidade, o pensamento afrocêntrico, a escrevivência, o aquilombamento, e outros referências teóricas, são epistemologias que questionam de forma crítica as relações de poder perpetradas por grupos hegemônicas. Desestabilizar as injustiças sociais que nos afetam em contextos diversos de nossas vidas, fortalecendo caminhos emancipatórios e autonomia de nós, mulheres negras, são condições de fortalecimento de nossa própria autoinscrição como sujeitas de direito. Assim, quando penso a importância dialógica da teoria feminista negra, articulada ao bem viver, nas (res)significações das pluralidades de ser racializada em uma sociedade violentamente racista, localizo a minha própria construção como sujeita produtora do conhecimento e que tem posicionalidade e ação política.

O processo de exclusão do pensamento de mulheres negras não é acidental, não é um mero acaso, se constitui em um repertório de violências simbólicas e físicas. Entretanto, a partir da afirmação das heterogeneidades, pertencimentos, identidades e ações políticas múltiplas em tempos e lugares diferenciados, construímos e reconstruímos, afirmamos e reafirmamos um protagonismo atento e atuante para efetividade de uma cidadania plena.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Wilson do Nascimento. SANTOS, Joel Rufino do. **Por trás do muro da noite: dinâmica das culturas afro-brasileira**. Fundação Cultural Palmares: Brasília, 1994.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Estudos Feminista**, v. 3, n.2, p. 544-552, 1995.

_____. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação junto à área Filosofia da Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1. ed - São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**. Ano I, nº 1, p. 52-57, 2005.

_____. A Escrivivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações de Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. – 5ª ed. São Paulo: Global, 2006.

FRENETTE, Marcos. **Preto e Branco**: a importância da cor da pele. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 465-477, 1995.

NASCIMENTO, Beatriz. Historiografia de Quilombo. *In*: _____. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: possibilidades nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018a. p. 125-165.

SANTOS, Neuza Souza. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.